

## COISAS

13/3/57

ANTES de mais nada saudemos os 75 anos de idade de Bastos Tigre, que há mais de 50 faz os «Pingos & Respingos» do «Correio da Manhã», e lhe desejemos saúde e felicidade. Registremos com simpatia que o bar do Lido vai ser transformado em escola pública e, sem verdadeira tristeza, mas com certa melancolia, que a Galeria Cruzeiro vai abaixo — a Galeria, onde nós, de Cachoeiro, como toda gente do interior, marcávamos encontros com os conterrâneos, num dos bares ou simplesmente «defronte ao relógio».

E antes de dar um modesto furo pedimos aos nossos leitores que levem em conta que este cronista não tem costume de se meter na vida alheia e jamais poria em dúvida a austeridade de um sacerdote com enorme projecção na vida política nacional se para isso não tivesse boas excusas. Por favor, que ninguém se assuste. Não pretendemos causar nenhum escândalo, mas somos obrigados a revelar a verdade. Achamos, aliás, que não haverá maiores inconvenientes nisso. Embora o sacerdote em questão tenha sido sempre apontado como um exemplo de austeridade, o fato de ter sido estabelecida a sua paternidade de cinco filhos não é, em nosso entender, de molde a causar maiores vexames. E isso devido a uma circunstância que nos apressamos a referir, antes que o leitor dirija as suas suspeitas para algum outro sacerdote: a pessoa em questão é Diogo Antônio Feijó, que foi deputado, ministro, senador e regente do Império, falecido em 1843.

Quem me fez a revelação foi o escritor Sérgio Buarque de Holanda, atualmente diretor do Museu do Ipiranga, e quem me confirmou foi o escritor Otávio Tarquínio de Sousa, o mais autorizado biógrafo de Feijó. Na próxima edição de sua excelente biografia (coleção «Documentos Brasileiros», da José Olímpio) Tarquínio reconhecerá o logro em que caiu ao dizer de Feijó que era «padre de conduta irrepreensível» cuja famosa campanha contra o celibato dos padres «não procurava remediar ou prevenir caso pessoal». Confessará, documentadamente, que o «padre austero» apesar da «pureza de sua vida», e de haver certa vez declarado no Senado: «eu... que não tenho filhos nem parentes» era pai de cinco filhos — sendo ele próprio também, provavelmente, filho de padre. E vamos parar por aqui, deixando ao historiador o cuidado de revelar quem era a «flor azul» de Feijó, como se diria, mimosamente, hoje.